

centro internacional das artes
josé de guimarães

09.2023 > 04.2024

José de Guimarães e Artes Africanas, Pré-Colombianas e Antigas Chinesas

Heteróclitos: 1128 objetos

José de Guimarães and African,
Pre-Columbian and Ancient Chinese Arts
Heteroclites: 1128 objects

Dayana Lucas

Cifra

Bárbara Fonte Cláudia Cibrão Guache

Lucas Carneiro e Manuel Costa

Laboratórios de Verão 2023

Summer Labs 2023

O CIAJG é um lugar construído em torno de uma coleção. Artes provenientes de diversas partes do mundo – África, América Central e China –, juntamente com a obra do artista-colecionador José de Guimarães (n. 1939, Guimarães) são o eixo e a respiração deste lugar.

A coleção aqui depositada, para usufruto aberto a toda a comunidade, integra uma missão mais ampla, de ser um “museu com mundos dentro”. O que isso significa? A pluralidade e a diferença das visões de mundo. A possibilidade de reinventar as condições da nossa existência comum, diante das diferenças e dos conflitos. Convoca a capacidade de sermos contemporâneos de outros tempos-espacos, e empáticos com o que desconhecemos.

Ser diverso, inclusivo e plural faz, assim, parte da missão do CIAJG. Aproximar pessoas, criar sensibilidades e sentidos críticos. Participar no desenvolvimento cultural e social da região. Refundar o museu como lugar de fala e escuta, topografia redesenhada de ficções e histórias por contar. Ser um lugar onde nos construímos como indivíduos e coletivo. É esse o caminho que trilhamos.

Desde a primeira hora que o CIAJG apoia a criação. É uma espécie de catalisador que oferece aos artistas contemporâneos os meios de experimentar, ensaiar e expor. E faz a ponte com os públicos. Dois ciclos de exposições e o acolhimento de eventos (dança, música, teatro), assim como um programa de mediação regular focado na comunidade local, ritmam a nossa programação anual, que se inspira continuamente nas possibilidades discursivas, estéticas e políticas da coleção. Como um movimento contínuo de sístole e diástole.

Nesta visita vai poder encontrar em permanência a exposição “Heteróclitos: 1128 objetos, de José de Guimarães e Artes Africanas, Pré-Colombianas e Antigas Chinesas”, inaugurada no 10º aniversário do CIAJG (2012-2022), que mostra a totalidade da coleção e propõe um olhar sobre o museu, a linguagem, os objetos e os sujeitos, sobre a crise das suas representações. A montagem é deliberadamente experimental, procurando fluidez entre as reservas que guardam a coleção e as salas de exposição. Ao mesmo tempo, encena o gesto aglutinador que aproxima objetos ditos «extra-europeus» e arte contemporânea, peças artísticas e religiosas, materiais provenientes de várias geografias e culturas. Poderá encontrar o catálogo Heteróclitos na nossa loja, assim como várias outras publicações.

O atual ciclo de exposições patente no CIAJG debruça-se sobre a criação emergente. Embora “emergente” possa ser uma palavra vaga e/ou pouco operativa, o que é certo é que existe, na região de Guimarães e Braga, um ecossistema da criação contemporânea que é muito rico, e que mobiliza relações entre artistas, coletivos, museus, galerias, universidade, espaços independentes. “Laboratórios de Verão” é um programa de apoio à criação artística da região, que tem como objetivo auscultar a pulsação das artes visuais e performativas. Atualmente desenvolvido pelo gnration e pelo CIAJG, a sua nona edição tem lugar nas duas estruturas culturais e afirma um compromisso inequívoco para com a criação da região, que pretendemos reforçar nos próximos anos. Conheça o trabalho dos artistas selecionados Bárbara Fonte, Cláudia Cibrão, Guache, Lucas Carneiro e Manuel Costa, na exposição “Laboratórios de Verão 2023”, que se encontra no piso -1.

“Cifra”, de Dayana Lucas (nasceu em 1987 na Venezuela, vive e trabalha no Porto), é a exposição que ocupa todo o piso 0 do CIAJG, e que celebra a linha visível e invisível do desenho. Assim como José de Guimarães, mas de uma forma absolutamente autónoma, Dayana Lucas encontra no desenho a sua pulsão criativa simultaneamente introspetiva e expansiva. Tudo pode ser desenhado, e o interior é o exterior. O desenho alcança a intensidade da vida e da morte, acerca-se do imaginário, exprimindo o modo como este fabrica a experiência, tangível ou alucinada, que fazemos da existência. Entre opacidade e enigma, existem zonas claras e territórios mais difíceis de descrever, mais delicados de partilhar, específicos da relação com o invisível e o inominável.

O CIAJG agradece ao gnration e à ArtWorks pela parceria nas exposições deste ciclo.

Boa visita!



Marta Mestre

Direção Artística do CIAJG e Artes Visuais d'A Oficina >

Artistic Director of the CIAJG and A Oficina's Visual Arts

The CIAJG is a place built around a collection. The heart and inspiration of the museum are works from different parts of the world – Africa, Central America and China – together with others by the artist-collector, José de Guimarães (b. 1939, Guimarães).

The collection housed in the CIAJG, for the open enjoyment of the entire community, is part of a wider mission to be a "museum with worlds inside". What does this mean? It means the plurality and difference of world views. It means the possibility of reinventing the conditions of our common existence, in the face of differences and conflicts. It calls for the ability to be contemporaries of other times and spaces, and to empathise with that which we don't know.

The CIAJG's mission includes being diverse, inclusive and plural. Bringing people together, creating sensitivities and critical senses. To participate in the cultural and social development of the region. To refound the museum as a place of speaking and listening, a redesigned topography of fictions and untold stories. To be a place where we build ourselves as individuals and as a group. This is the path we are travelling.

From the outset, the CIAJG has structured its activity around support for artistic creation. It is a kind of catalyst that offers contemporary artists the means to experiment, rehearse and exhibit. It bridges the gap with audiences. The rhythm of our annual programme is based on two exhibition cycles, hosting events (dance, music, theatre), and an intense mediation programme focused on the local community, which is continually inspired by the discursive, aesthetic and

political possibilities of the CIAJG's collection. Like a continuous movement of the systole and diastole.

On this visit, you will be able to see the permanent exhibition "Heteroclites: 1128 objects, by José de Guimarães and African, pre-Columbian and Chinese arts", that was inaugurated on the CIAJG's 10th anniversary (2012-2022), which shows the entire collection and proposes a gaze at the museum, language, objects and subjects, and the crisis of their representations. The assembly is deliberately experimental, seeking fluidity between the collection's reserves and the exhibition rooms. At the same time, it stages an agglutinating gesture that combines so-called "extra-European" objects and contemporary art, artistic and religious pieces and materials from various geographic regions and cultures. You can find the Heteroclites exhibition catalogue in our shop, together with various other publications.

The CIAJG's current cycle of exhibitions focuses on emerging creation. Although "emerging" can be a vague and/or inoperative term, there is clearly a very rich ecosystem of contemporary artistic creation in the Guimarães and Braga region, which mobilises relationships between artists, collectives, museums, galleries, universities and independent spaces. Summer Labs is a programme that supports artistic creation in the region, and aims to take the pulse of the visual and performing arts. Currently developed by gnration and the CIAJG, the ninth edition is held in both cultural structures and affirms an unequivocal commitment to the region's emerging artists, which we intend to strengthen

over the coming years. See the work of the selected artists Bárbara Fonte, Cláudia Cibrão, Guache, Lucas Carneiro and Manuel Costa, in the exhibition "Summer Labs 2023", on the basement floor.

The exhibition, "Cifra", by Dayana Lucas (who was born in 1987 in Venezuela, and lives and works in Porto), occupies the entire ground floor of the CIAJG, and celebrates the visible and invisible line of drawing. Like José de Guimarães, but in a completely autonomous manner, Dayana Lucas derives her creative inspiration from drawing, which is both introspective and expansive, considering that everything can be drawn, and the inside is the outside. Drawing attains the intensity of life and death, it touches on the imaginary, through the way that it fabricates the tangible or hallucinated experience, that we make of existence. Between opacity and enigma, there are clear zones and territories that are more difficult to describe, more delicate to share, specific to the relationship with the invisible and ineffable. The CIAJG would like to thank the gnration and ArtWorks for their support for the exhibitions.

Enjoy your visit!



Vista da exposição
Sala 1
Arte Perturbadora

Exhibition View
Room 1
Disturbing Art

@Vasco Célio / Stills



Vista da exposição
Sala 3
Sala das Máscaras. Averso

Exhibition View
Room 3
Masks Room. Inversion

@Vasco Célio / Stills

José de Guimarães e Artes Africanas, Pré-Colombianas e Antigas Chinesas

Heteróclitos: 1128 objetos

Exposição Permanente Permanent Exhibition

O acervo do CIAJG é composto por 1128 objetos de artes africanas, pré-colombianas, chinesas e obras do artista português José de Guimarães. "Heteróclitos: 1128 objetos" é uma exposição-ensaio que mostra a totalidade deste acervo e que reflete sobre as relações entre linguagem, sujeitos, história e política. A crise dos objetos e das suas representações, que fricciona constantemente com o nosso quotidiano, identidades e heranças, é aqui encenada através de uma coleção que, sob um mesmo gesto aglutinador, reúne acervos ditos “extra-europeus” e arte contemporânea, peças artísticas e religiosas, materiais provenientes de várias geografias e culturas do mundo. Como mostrar a sua natureza fractal sem encenar as estruturas de poder e de posse habituais? Como coreografar o caráter polifónico (com muitas vozes) desta coleção?

Enquanto proposta curatorial, "Heteróclitos: 1128 objetos" articula-se como um espaço de experimentação inesgotável, em que natureza enigmática e crítica da arte possui o seu próprio infinito. A exposição, que ocupa a totalidade do primeiro piso do CIAJG, tem uma montagem experimental, procurando fluidez entre as “reservas” e as salas de exposição, entre o “trânsito” e o “tempo” dos objetos. Diz-se *heteróclito* do que é excêntrico, irregular, fora do comum, ou seja, diz-se *heteróclito* de um acervo construído a partir daquilo que é dissonante entre si, mas que faz do desacordo um espaço de hospitalidade. Heteróclito é uma palavra de ordem para imaginar o futuro.

Exposição Permanente Permanent Exhibition

José de Guimarães and African, Pre-Columbian and Ancient Chinese Arts Heteroclites: 1128 objects

Exposição Permanente Permanent Exhibition

The CIAJG's collection consists of 1128 objects of African, pre-Columbian and ancient Chinese art, and works by the artist José de Guimarães. Heteroclites: 1128 objects is an exhibition essay that reveals the entire collection, highlighting a debate between language, objects, subjects and politics. The crisis of objects and their representations, which constantly influences our daily lives, identities and heritages, is explored on the basis of a collection that, under the same unifying gesture, brings together so-called "extra-European" collections and contemporary art, artworks and religious items, different materials from various places and cultures of the world. How can we reveal the collection's fractal nature without staging the usual ownership and power structures? How can we choreograph the



Vista da exposição Hall Piso 1 Alfabeto Africano

Exhibition View 1st Floor Hall African Alphabet

©Vasco Célio / Stills

Exposição Permanente Permanent Exhibition

The CIAJG's collection consists of 1128 objects of African, pre-Columbian and ancient Chinese art, and works by the artist José de Guimarães. Heteroclites: 1128 objects is articulated as a space that enables endless experimentation, in which the enigmatic and critical nature of art has its own infinite dimension. The exhibition, which occupies the entire first floor of the CIAJG, has an experimental design, seeking fluidity between the “reserves” and the exhibition rooms, between the “transit” and “time” of objects. Heteroclite means that which is eccentric, irregular, out of the ordinary. A collection is said to be heteroclite when it is built from dissonant elements, but which transforms this sense of discord into a space of hospitality. Heteroclite is a watchword for imagining the future.

Alfabeto Africano

African Alphabet

O Alfabeto Africano é um dos trabalhos mais emblemáticos de José de Guimarães. Trata-se de um projeto de osmose da arte europeia e africana, que reforça a importância do símbolo como elemento articulador entre a arte e todas as outras dimensões da existência humana, compreendendo o seu papel na transmissão cultural.

Os ideogramas, a utilização dos signos ou as silhuetas, trazidas em negativo, aproximam o artista tanto das tradições africanas, em especial aquelas do território correspondente ao antigo e influente reino de Ngoyo (no-roeste de Angola), quanto do vocabulário internacional da arte Pop.

O período angolano despertou o interesse de José de Guimarães pelas culturas materiais e imateriais autóctones. Em Angola adquiriu um pequeno conjunto de peças de artesanato que hoje pertence à Sociedade Martins Sarmento (Guimarães). Mais tarde, dos anos 80 em diante, inicia a coleção que se encontra parcialmente exposta no CIAJG, comprando diretamente nos mercados europeus especializados em artes africanas, pré-colombianas e chinesas.

The African Alphabet is one of the most emblematic works by José de Guimarães. It is a project that fosters osmosis between European and African art, and reinforces the importance of the symbol as an articulating element between art and other dimensions of human existence, helping us understand its role in cultural transmission. The use of ideograms, signs or silhouettes, translated into their negative version, bring the artist closer to African traditions, especially those linked to the former territory of the ancient and influential kingdom of Ngoyo (northwest Angola), and also to the international vocabulary of Pop art. José de Guimarães became interested in indigenous material and immaterial cultures while he lived in Angola, where he acquired a small set of handicrafts that today belongs to the Sociedade Martins Sarmento (Guimarães). Later, from the 1980s onwards, he started the collection that is partially exhibited at the CIAJG, buying objects directly in European markets that specialise in African, pre-Columbian and Chinese arts.

Exposição Permanente Permanent Exhibition

Exposição Permanente Permanent Exhibition

Arte Perturbadora

Disturbing Art

Exposição Permanente Permanent Exhibition

Os sete anos que viveu em Angola – primeiro entre 1967 e 1969 e posteriormente entre 1970 e 1974 –, no contexto da guerra colonial, despertaram em José de Guimarães o interesse sobre formas culturais situadas nos antípodas da sua visão de europeu. Às viagens que realiza pelo vasto território angolano, acrescenta leituras sobre antropologia e etnografia que lhe permitem decodificar, ainda que parcialmente, o pensamento mágico expresso nas festividades e rituais que presencia, especialmente junto dos povos “tchokwe” ou “quiocos”.

Em Angola desenvolve uma linguagem *pop* e sincrética que renova os códigos da pintura da época. É também do “período angolano” o seu manifesto *Arte Perturbadora* (1968), em sintonia com o desenrolar dos acontecimentos que levaram à “Revolução dos Cravos” (1974). José de Guimarães nunca mais regressará a África, muito embora a experiência tenha sido decisiva para a construção do seu projeto artístico, assim como da sua coleção, posteriormente adquirida.

Exposição Permanente Permanent Exhibition

José de Guimarães spent seven years in Angola – firstly between 1967 and 1969 and subsequently between 1970 and 1974 –, during the colonial war. This experience sparked his interest in cultural forms situated at the opposite ends of his vision as a European. His trips through the vast Angolan territory were complemented by studying anthropological and ethnographic texts, that allowed him to decode, albeit partially, the magical thinking expressed in the festivities and rituals that he witnessed, especially among the “tchokwe” or “kioko” peoples. In Angola he developed a pop and syncretic language that renewed the codes of painting at the time. His manifesto *Arte Perturbadora* (Disturbing Art) (1968)

Exposição Permanente Permanent Exhibition

José de Guimarães (Guimarães, 1939) vive e trabalha, desde 1995, entre Lisboa e Paris. Se a primeira década de produção artística se baseia nos contatos com África, nos mais de cinquenta anos de trabalho encontram-se séries completas dedicadas às culturas chinesa e japonesa, à arte de Rubens, à literatura de Camões ou à conceção particular da morte no México. Nos últimos anos, o trabalho de José de Guimarães reflete uma vocação de formas e figuras tendencialmente cosmopolita, sobretudo com trabalhos em caixas de madeira, que propõem um exterior de austeridade contrastante com a encenação do seu espaço interior, tratado com traços luminosos, pintura, colagens e objetos desviados do sentido que lhes é conferido pela sua função tradicional. Tendo realizado numerosas exposições em vários países, e, para além de exposições antológicas anteriores realizadas em Bruxelas no Palais des Beaux-Arts (1984), no Museu de Arte Moderna (Cidade do México, 1987), na Fundação Calouste Gulbenkian,Lisboa,e na Fundação Serralves, Porto (1992), na última década, viu serem-lhe dedicadas várias exposições antológicas ou retrospectivas em Portugal, na Alemanha, em Tóquio, na Suíça, no Brasil, Espanha, Luanda, etc. Em 2012, é eleito Presidente da Sociedade Nacional de Belas Artes. No Centro Internacional das Artes José de Guimarães, participou em numerosas exposições e remontagens das coleções, pertença do artista, e que aí se depositam em comodato. Inaugurou em Shanghai dois conjuntos de arte pública intitulados “Gates” e “Cylinder Building”. Recentemente, em 2020, inaugurou no Würth Haus Rorschach, Suíça, a exposição “José de Guimarães, Von Künstler zum Anthropologen”, e “Dioramas”, na Ermida de Nossa Senhora da Conceição, em Lisboa. O seu trabalho, representado nas mais relevantes coleções institucionais em Portugal e um pouco por todo o mundo, com especial incidência no Japão e Alemanha. A sua obra propõe cruzamentos com a arte de civilizações não ocidentais – africana, chinesa e meso-americana – numa busca incessante de relações não verbais, a que não é estranha a atividade de colecionador a que se vem dedicando há várias décadas.

Exposição Permanente Permanent Exhibition

Exposição Permanente Permanent Exhibition

José de Guimarães (Guimarães, 1939) lives and works between Lisbon and Paris, since 1995. Whereas the first decade of his artistic production was based on contacts with Africa, in his more than fifty years of work there are complete series dedicated to Chinese and Japanese culture, the art of Rubens, the literature of Camões or the distinctive conception of death in Mexico. Over recent years, José de Guimarães’ works reflect a vocation of forms and figures that tend to be cosmopolitan, especially with works in wooden boxes, which propose an exterior of austerity that contrasts with the staging of its interior space, treated with luminous lines, painting, collages and objects, deviated from the meaning given to them by their traditional function. He has held numerous exhibitions in several countries. In addition to previous anthological exhibitions held in Brussels at the Palais des Beaux-Arts (1984), at the Museum of Modern Art (Mexico City, 1987), at the Calouste Gulbenkian Foundation, Lisbon, and at the Serralves Foundation, Porto (1992), several anthological or retrospective exhibitions have been dedicated to him over the last decade, in Portugal, Germany, Tokyo, Switzerland, Brazil, Spain, Luanda, etc. In 2012, he was elected President of the Sociedade Nacional de Belas Artes (Portuguese Society of Fine Arts). At the José de Guimarães International Centre for the Arts, he has participated in numerous exhibitions and re-assemblies of the artist's personal collections, which have been deposited in the CIAJG on loan. He inaugurated two sets of public art in Shanghai entitled “Gates” and “Cylinder Building”. In 2020, he inaugurated the exhibition “José de Guimarães, Von Künstler zum Anthropologen” in the Würth Haus Rorschach, Switzerland and “Dioramas”, in the Ermida de Nossa Senhora da Conceição, in Lisbon. His work is represented in the most important institutional collections in Portugal and around the world, with a special focus on Japan and Germany, proposing intersections with the art of non-Western civilizations – African, Chinese and Meso-American – in an incessant search for non-verbal relationships, influenced by his own activity as a dedicated collector over several decades.

Crânios e Cronos

Craniums and Kronos

O crânio (e a máscara) é um elemento representado em toda a obra de José de Guimarães. Encontramo-lo no desenho e na pintura, especialmente relacionada à série México, sobre a “dança dos mortos”.

Nas conceções de tempo ocidentais, o crânio é o símbolo da finitude da vida (do latim “memento mori”, *lembre-se que morrerá*) e está relacionado a uma temporalidade linear. Mas para várias outras culturas no mundo, existem múltiplas temporalidades, noções de tempos espiralares e expansivos que não podem ser quantificados em cronologias. Para os Gregos *Cronos* significava o tempo inexorável, mas *Kairós* era o momento indeterminado em que algo especial acontece: a experiência do momento oportuno. Já nas sociedades pré-colombianas dos Andes, os “quipus” (ou sistema de “nós”) eram arquivos portáteis de narrações – genealogias, contabilidade, histórias, poemas – que marcavam o tempo da comunidade.

Como convocar várias temporalidades para o museu? Como restituir a temporalidade específica dos objetos que aqui se guardam, sabendo que a percepção do tempo pode moldar valores e apreciações sobre os objetos e os sujeitos que os produziram?

The skull/cranium (and mask) is an element represented in José de Guimarães’ entire oeuvre. We find it in his drawings and paintings, especially related to his Mexico series, in the dance of the dead.

In Western conceptions of time, the skull is the symbol of the finitude of life (from the Latin phrase, “memento mori”, remember that you will die), related to linear temporality. But for

many other cultures in the world, there are multiple temporalities, concepts of spiralling and expansive time, that cannot be quantified in chronologies. For the Greeks Kronos meant inexorable time, but Kairos was the indeterminate moment in which something special happens: the experience of the opportune moment. In pre-Columbian Andean societies, the “quipus” (or system of “knots”) were portable

archives of different narrations – genealogies, accounts, stories, poems – that marked the time of the community. How can we convene various temporalities for the museum? How can we restore the specific temporality of the objects that are stored here, knowing that the perception of time can shape values and appreciations about the objects and the subjects that have produced them?

Sala das Máscaras. Averso

Masks Room. Inversion

Nesta sala inverte-se a orientação dos suportes, uma rotação subtil que altera profundamente a perceção das máscaras expostas. Este gesto temporário coloca em evidência a frente e o verso, e convida a que a nossa atenção recaia nos suportes – inspirados nos “cavaletes de cristal” da arquiteta Lina Bo Bardi –, e nas legendas que classificam cada um dos quarenta objetos.

Dada a sua complexidade e proveniências muito distintas entre si, que o epíteto “África Subsariana” procura unificar sem conseguir, estas máscaras colocam o problema do conhecimento sobre este tipo de objetos. Reportam-se a rituais complexos que devem ser mantidos secretos, e que os saberes científicos (a antropologia, a história da arte, etc.) têm dificuldade em traduzir, incorrendo no risco de simplificação.

Sob o véu da sua harmoniosa “êxtase”, as máscaras que aqui vemos são um espelho antropológico que, a pretexto de falar dos “outros”, reporta-se à nossa própria condição e às contradições do processo histórico ocidental, aquilo que sentimos como estranho e longínquo. São objetos que interromperam a sua vida ritual e que passaram a ser admirados enquanto mercadoria e obra de arte, num percurso marcado por assimetrias de poder, violência simbólica, comércio e apropriação. Mas também, contacto intercultural, arte, mestria técnica, tradição e inovação cultural.

The orientation of the supports is inverted – a subtle rotation that profoundly alters the perception of the masks on display. This temporary gesture highlights the front and back of each mask, and invites us to gaze at the supports – inspired by the “crystal easels” designed by the architect, Lina Bo Bardi –, and the captions that identify each of the forty objects.

Given their complexity and very different origins, broadly and inconclusively

grouped under the epithet “Sub-Saharan Africa”, these masks pose the problem of knowledge about such objects. They refer to complex rituals that must be kept secret, and that scientific knowledge (anthropology, art history, etc.) has difficulty in translating, due to the risk of simplification.

Under the veil of their harmonious “ecstasy”, the masks on display are an anthropological mirror that, under the pretext of talking about “others”, refers to

our own condition and the contradictions of the western historical process, to that which we feel is strange and distant. They are objects that ceased to be used in their ritual contexts and began to be admired as merchandise and works of art, in a trajectory marked by asymmetries of power, symbolic violence, commerce and appropriation. But also, intercultural contact, art, technical mastery, tradition and cultural innovation.

Viver Juntos

Living Together

A montagem desta sala entrelaça um jogo de olhares entre os vários acervos: “artes africanas”, “pré-colombianas”, “artes antigas chinesas” e o trabalho de José de Guimarães. Ligados por fios invisíveis, os objetos parecem conversar entre si, independentemente de nós. Um fetiche africano aponta para um vaso pré-colombiano, um crânio imaginado por José de Guimarães contrapõe-se a um bronze da China antiga, estatuetas falam com pinturas, sem que o tempo as separe.

À medida que os objetos cruzam olhares entre si, tantas vezes independentes dos seus observadores, torna-se evidente que as narrativas são infinitas. “Como viver juntos?”, perguntam estes objetos.

“O fato de podermos compartilhar esse espaço [o mundo] não significa que somos iguais; significa exatamente que somos capazes de atrair uns aos outros pelas nossas diferenças, que deveriam guiar o nosso roteiro de vida. Ter diversidade, e não isso de uma humanidade com o mesmo protocolo. Porque isso até agora foi só uma maneira de homogeneizar e tirar nossa alegria de estar vivos.”

Ailton Krenak, *Ideias para adiar o fim do mundo*, 2017-19

The assembly of this room explores an interplay of glances between the CIAJG’s various collections: “African arts”, “pre-Columbian”, “ancient Chinese arts” and José de Guimarães’ oeuvre. Linked by invisible threads, the objects seem to talk to each other independently of our presence. An African fetish points towards a pre-Columbian vase, a skull imagined by José de Guimarães contrasts with a bronze object from ancient China, statuettes

speak with paintings, without time separating them.

As the objects gaze at each other, so often independent of their observers, it becomes evident that the associated narratives are infinite. The objects ask: “How should we live together?”

“The fact that we can share this space [the world] does not mean we are the same; rather that we are capable of attracting one another through our differences, which should guide our life script. To harbour diversity, rather than a humanity with the same protocol. Because until now this was just a way to homogenise and remove our joy of being alive.”

Ailton Krenak, *Ideas to postpone the end of the world*, 2017-19



Vista de exposição
Sala 7
Viver Juntos

Exhibition View
Room 7
Living Together

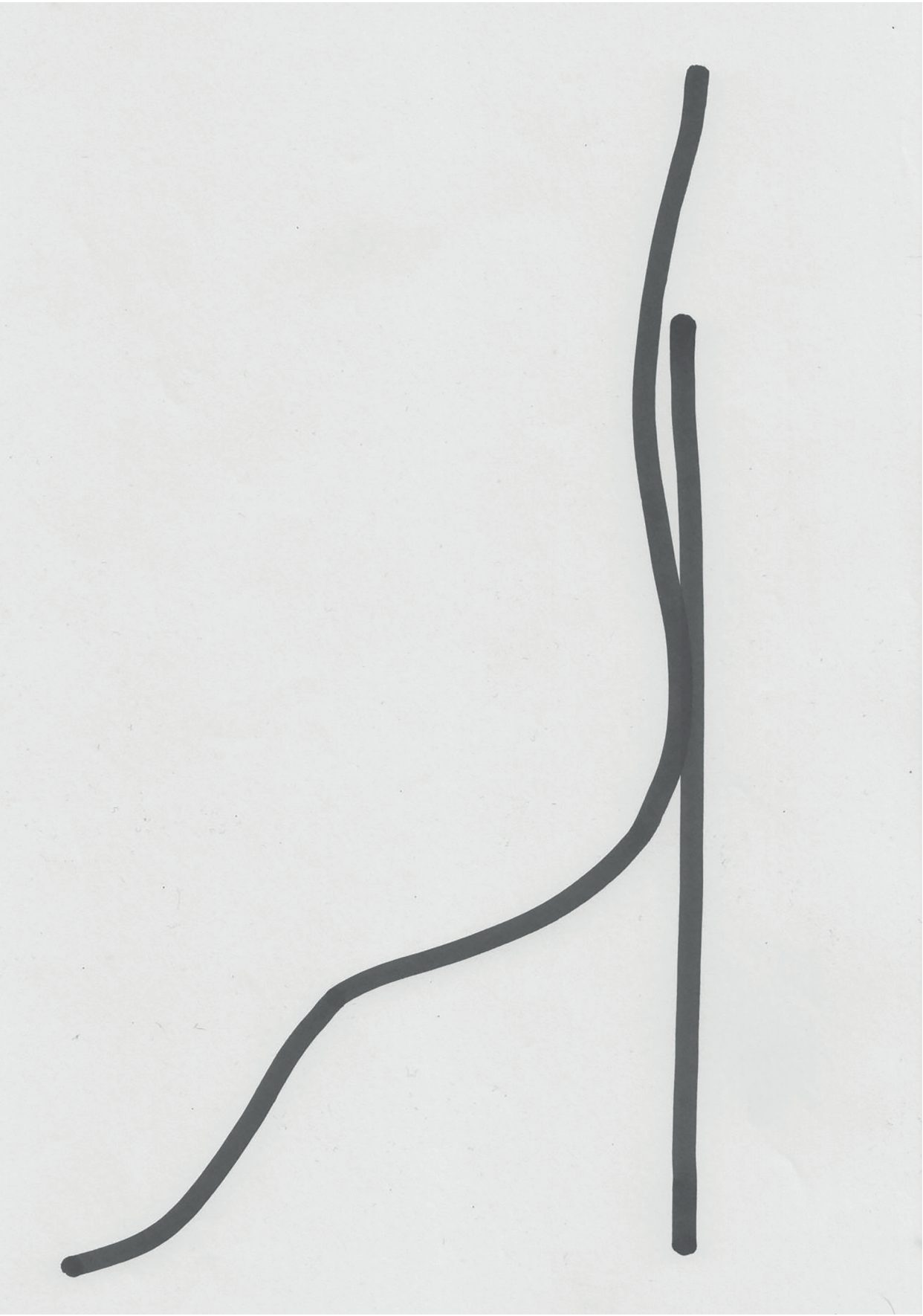
©Vasco Célio / Stills

Dayana

C
i
f
r
a

Dayana Lucas
S/ título
Marcador sobre papel, 2018

Untitled
Marker on paper, 2018



Dayana Lucas (n. Caracas, 1987; vive e trabalha no Porto) desenvolve uma pesquisa prática na área do desenho com particular interesse na passagem para a escultura, recorrendo a diferentes materiais como betão, madeira ou metal. Trabalha também como designer na área da cultura, tendo colaborado com músicos, artistas plásticos e diversas instituições culturais portuguesas. Foi cofundadora da Oficina Arara, onde desenvolveu, até 2017, trabalho na área do design e da impressão com diversos meios manuais, e na organização de exposições, workshops e encontros com a comunidade artística do Porto. Colabora desde 2010 com o colectivo SOOPA e em 2019 criou o projeto ORINOCO, dedicado à edição de livros e outras edições de artista.

Entre as diferentes exposições individuais que realizou destacam-se “Um” na Wrong Weather Gallery (2018), Espírito Manual no Museu de Serralves (2018), “Pedra em Flor” no Sismógrafo (2019) e “Negro Secreto” na Galeria Lehmann + Silva (2019). Nos últimos anos participou também em diferentes exposições coletivas em espaços como o CIAJG - Centro Internacional das Artes José de Guimarães (Guimarães, Portugal); Bienal de Arte Contemporânea da Maia (Maia, Portugal); PORTA33 (Funchal, Portugal) e Sesc Pompéia (São Paulo, Brasil).

Dayana Lucas (b. Caracas, 1987; lives and works in Porto) develops practical research in the field of drawing, focusing on the transition to sculpture, using different materials such as concrete, wood and metal. She also works as a designer for cultural projects and has worked with musicians, visual artists and various Portuguese cultural institutions. She co-founded the Oficina Arara, where, until 2017, she worked in the field of design and printing, using various handcrafted media and organised exhibitions, workshops and meetings with Porto's artistic community. Since 2010, she has worked with the SOOPA collective and in 2019 created the ORINOCO project, dedicated to publishing books and other artist's publications. Her solo exhibitions include "Um" (One) at the Wrong Weather Gallery (2018), "Manual Spirit" at the Serralves Museum (2018), "Pedra em Flor" (Blossoming Stone) at Sismógrafo (2019) and "Negro Secreto" (Secret Black) at the Lehmann + Silva Gallery (2019). In recent years she has also taken part in various group exhibition, at venues such as the CIAJG - José de Guimarães International Centre for the Arts (Guimarães, Portugal); Maia Contemporary Art Biennial (Maia, Portugal); PORTA33 (Funchal, Portugal) and Sesc Pompéia (São Paulo, Brazil).

Exposição
patente
até 21 abril
Exhibition
until 21 april

2024

Lucas

Era nas vísceras de animais, que os Antigos comunicavam com os Deuses. A palavra para essa arte da decifração era, em latim, “haruspício”, que significa a inspeção das entranhas ou a revelação do que *não se dá de imediato*. A realidade como abismo, labirinto ou dobra constitui a perceção moderna da nossa existência. O “claro enigma” da linguagem, como lhe chamou Drummond de Andrade.

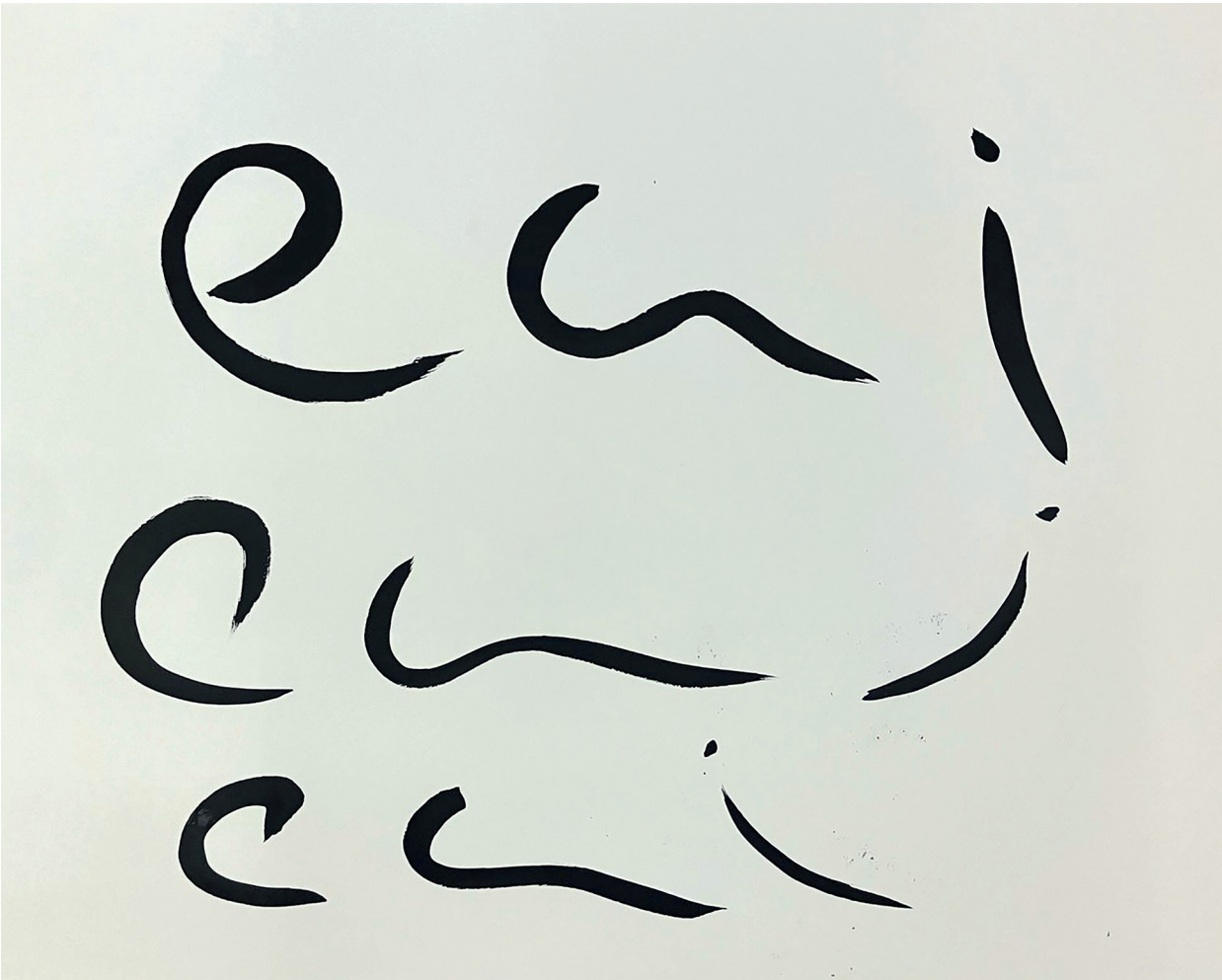
Entre opacidade e transparência, entre o visível e o invisível, percorrendo as nuances de um caminho de dois extremos, Dayana Lucas (n. em 1987 em Caracas; vive e trabalha no Porto) eleva ao ritual o ato de inscrever, grafar, desenhar. Existe um sentido iniciático no seu gesto, em que o desenho é como uma máquina de ver e de sentir. A invenção de uma linha que não acaba, em Dayana Lucas, problematiza não só o fecho do gesto, mas também os inícios do mesmo, já que a imaginação dá forma a um fio que começa sempre, sem as pontas do princípio e do fim – uma ideal suspensão da morte.

Diante do atual empobrecimento da linguagem, dos signos e mensagens planas, algoritmizáveis, esta é uma exposição que deixa clara a vontade de recuar diante do que já foi dito. Diríamos mesmo, que procura surrealizar ou gerar opacidades. A casa de vidro constitui-se como um centro desta exposição, um ponto nodal (in) decifrável onde habita o enigma. Sinónimo de proteção e de delicadeza em simultâneo, a casa de vidro pode significar estarmos nus em nós mesmos. É onde a artista torna visível a sua fragilidade (a sua força).

O conjunto de trabalhos e intervenções que se apresenta no CIAJG testemunham a passagem do desenho à forma tridimensional, a influência da música e das paisagens solitárias em Dayana Lucas. Quem visita esta exposição pode, assim, intuir essa transmutação do desenho em escultura, em casa transparente, sem nenhuma mediação. Nós somos a casa. Não temos telhados de vidro.

Dayana Lucas
S/ título
Tinta-da-china sobre
papel, 2023

Untitled
Ink on paper, 2023



The Ancients used the entrails of animals to communicate with the gods. The Latin term for this art of decipherment was "haruspice" - which means the inspection of entrails or the revelation of that which is *not immediately apparent*. The modern perception of our existence is based on reality as an abyss, labyrinth or fold - that which Drummond de Andrade called the "clear enigma" of language.

Between opacity and transparency, between the visible and the invisible, exploring the nuances of a path that has two extremes, Dayana Lucas (born in 1987 in Caracas; lives and works in Porto) elevates the act of inscribing, graphing, drawing to ritual. There

is an initiatory dimension to her gesture, in which drawing is like a machine for seeing and feeling. The invention of a never-ending line, in Dayana Lucas' work, explores not only the closure of the gesture, but also its beginnings, since the imagination gives shape to a thread that is constantly starting over, without either beginning or end - an ideal suspension of death.

Faced with the current impoverishment of language, signs and flat, algorithmisable messages, this exhibition highlights the desire to retreat from that which has already been said. We could even say that it seeks to surrealise things. The heart of the exhibition is the glass house, an (in)

decipherable nodal point that harbours enigma. Synonymous with protection and delicacy at the same time, the glass house can mean being naked within ourselves. It is where the artist makes her fragility (and her strength) visible.

The group of works and interventions on display at the CIAJG highlight the artist's transition from drawing to three-dimensional form, and how she has been influenced by music and solitary landscapes. Visitors to this exhibition can thereby sense the transformation of drawing into sculpture, into a transparent house, without any mediation. We are the house. We have no glass ceilings.

Como a lembrança de uma casa em que se morou. Não da casa propriamente, mas da posição da casa dentro de si.
Clarice Lispector

Like the memory of a house you once lived in. Not the house itself, but the position of the house within itself.
Clarice Lispector



Dayana Lucas
Kairós
Fotografia / Photography, 2023



Dayana Lucas
Jogo-desenho
Tinta-da-China s/ papel, 2018

Game-drawing
China ink on paper, 2018

Bárbara Fonte
Cláudia Cibrão
Guache
Lucas Carneiro e Manuel Costa

Laboratórios de Verão 2023

“Laboratórios de Verão” é um programa de apoio à criação artística que tem como objetivo auscultar a pulsação das artes visuais e performativas no território de Guimarães e Braga. Desenvolvido atualmente pelo gnrnation e pelo CIAJG/Centro Internacional das Artes José de Guimarães, o programa apoiou mais de três dezenas de projetos e meia centena de artistas ao longo das suas oito edições, afirmando um compromisso institucional inequívoco para com a criação.

A exposição no CIAJG apresenta o trabalho dos quatro vencedores de 2023 – Bárbara Fonte, Cláudia Cibrão, Guache, Lucas Carneiro e Manuel Costa –, selecionados por um júri composto por Marta Mestre e Luis Fernandes, diretores artísticos do CIAJG e gnrator respetivamente, e o curador Paulo Mendes (Editoria, Porto), como convidado desta edição. A partir de ideias embrionárias e de esboços prévios, os artistas aprofundaram os resultados durante uma residência artística nas duas instituições, e que contou com a tutoria técnica e curatorial das equipas.

As propostas artísticas inscrevem-se em domínios que vão das artes visuais à “media art”, do desenho à instalação, de perfil performativo e expositivo. São propostas em aberto, que ensaiam as condições da sua visibilidade, fixação e mediação. Revelam interesses muito amplos, gestos poéticos que se relacionam a uma vontade de afirmação de linguagens autónomas. A arte é, simultaneamente, um espaço de experiência individual e de comunidade, de singularidade e de coletivo, de permanecer no mundo vasto e amplo da existência.

"Summer Labs" is a programme that supports artistic creation that aims to take the pulse of the visual and performing arts in Guimarães and Braga. Currently developed by gnration and CIA3G/José de Guimarães International Centre for the Arts, the programme has supported more than 36 projects and 50 artists over the course of its eight editions, affirming an unequivocal institutional commitment to artistic creation.

The exhibition at the CIAJG presents works by the four winners of the 2023 edition -

Barbara Fonte, Cláudia Cibrão, Guache, Lucas Carneiro and Manuel Costa -, selected by a jury comprised by Marta Mestre and Luís Fernandes, the artistic directors of the CIAJG and gnation, respectively, and the curator Paulo Mendes (Editoria, Porto), as the guest of this year's edition. Based on embryonic ideas and previous sketches, the artists extended the results during an artistic residency at the two institutions, which included technical and curatorial mentoring by the teams.

The artistic proposals range from the visual arts

to media art, from drawing to installation, with a performance-based and exhibition dimension. They are open-ended proposals, that explore the conditions for their visibility, fixation and mediation. They reveal very broad interests, poetic gestures that relate to a desire to affirm autonomous languages. Art is simultaneously a space for individual and community experience, for the singular and the collective, for remaining in the vast, broad world of existence.

Bárbara Fonte

A mais inábil candura

"A mais inábil candura" é o título do projeto de Bárbara Fonte, de vídeo e desenho. A instalação vídeo apresenta uma sucessão de ações performativas filmadas em estúdio, a que a artista denomina de "performances íntimas", uma vez que são realizadas e registadas de forma autónoma, com os recursos cénicos e técnicos disponíveis no atelier. A figura humana é o elemento central, e age segundo uma série de ações definidas que ensaiam (no sentido de tentativa e erro) as ideias de queda, de descida, de horizontalidade como um lugar de heróis/heroinas e, simultaneamente, de humanidade. Como refere Bárbara Fonte: "Se o movimento da queda parece sempre ecoar a vulnerabilidade do corpo, como transformar o ato de descida em poder? O corpo em descida é comovente e inquietante, mas frágil, piedoso, humano. Talvez, a hostil perturbação da queda possa ultrapassar as reminiscências histórico-religiosas. Talvez o desejo, a disposição, o apetite, a ambição promovam o poder na horizontalidade. Talvez se ultrapasse o corpo "fóssil" deitado, o esmagamento, o abandono, pela encarnação do sonho, do erótico, do trânsito, da humanização, da animalização. Talvez se desfaça a letargia e a moleza ao provocar o lugar dos medos, a escavação das sombras, a exploração da cave dos segredos".

The most tactless candour

"The most tactless candour" is the title of Bárbara Fonte's video and drawing project. The video installation presents a succession of performative actions filmed in the studio, which the artist calls "intimate performances", since they have been directed and recorded autonomously, using the scenic and technical resources available in the studio. The human figure is the central element and acts according to a series of defined actions that explore

(in the sense of trial and error) the ideas of falling, descending, horizontality as a place for heroes/ heroines and, at the same time, humanity. Bárbara Fonte comments: "If the movement of falling always seems to echo the vulnerability of the body, how can the act of descent be transformed into power? The falling body is moving and disturbing, but fragile, pious, human. Perhaps the hostile disturbance of the fall can extend beyond historical-religious

reminiscences. Perhaps desire, disposition, appetite and ambition will foster power in horizontality. Perhaps the lying "fossil" body, the crushing, the abandonment, will be overcome by the incarnation of the dream, the erotic, transit, humanisation, animalisation. Perhaps lethargy and softness will be undone by provoking the place of fears, the excavation of shadows, the exploration of the cave of secrets."



©Direitos reservados

Bárbara Fonte (n. Braga, 1981) é licenciada em Artes Plásticas, Pintura e pós-graduação em Teoria e Prática do Desenho pela Faculdade de Belas Artes, Universidade do Porto| FBAUP. Foi docente de Desenho e de Artes Visuais no ensino secundário e superior. Realizou residências artísticas na Galeria Ratton (Lisboa/Setúbal), Córtex Frontal (Arraiolos), Encontros da Primavera (Picote) e Atelier Experimental (Alvito). Destacam-se as seguintes exposições individuais (seleção): "A casa arde e os esqueletos correm", Sismógrafo, Porto, 2023; "Unha branca diabólica", Extêrli, Porto, 2023; "Coreografias do Riso", Casa Museu Abel Salazar, Porto, 2021; "Pústula", Galeria A. Molder, Lisboa, 2021; "Neste corpo não há poesia", C.A.A.A., Guimarães, 2020; "I (de manifesto!)", e as seguintes exposições coletivas (seleção): "La vie invisible. 12 artistes", Centre Photographique d'Ile-de-France (CPIF), Pontault-Combault, 2022; "Sonhos e Raciocínios 500 anos depois de Leonardo da Vinci", Pavilhão de Exposições da FBAUP, 2019; "Fazer do fantasma uma pessoa viva", Casa Museu Marta Ortiga Sampaio, 2019, entre outras.

Bárbara Fonte (n. Braga, 1981) é licenciada em Artes Plásticas, Pintura e pós-graduação em Teoria e Prática do Desenho pela Faculdade de Belas Artes, Universidade do Porto/ FBAUP. Foi docente de Desenho e de Artes Visuais no ensino secundário e superior. Realizou residências artísticas na Galeria Ratton (Lisboa/Setúbal), Córteç Frontal (Arraiolos), Encontros da Primavera (Picote) e Atelier Experimental (Alvito). Destacam-se as seguintes exposições individuais (seleção): "A casa arde e os esqueletos cortejam", Sismógrafo, Porto, 2023; "Unha branca diabólica", Exteril, Porto, 2023; "Coreografias do Riso", Casa Museu Abel Salazar, Porto, 2021; "Pústula", Galeria A. Molder, Lisboa, 2021; "Neste corpo não há poesia", CAAA, Guimarães, 2020; "M (de manifesto)"; e as seguintes exposições coletivas (seleção): "La vie invisible. 12 artistes", Centre Photographique d'Île-de-France (CPiF), Pontoalt-Coubault, 2022; "Sonhos e Raciocínios 500 anos depois de Leonardo da Vinci", Pavilhão de Exposições da FBAUP, 2019; "Fazer do fantasma uma pessoa viva", Casa Museu Marta Ortigão Sampaio, 2019, entre outras.

Cláudia Cibrão

Pintura imaterial



©Hugo Sousa / gnration

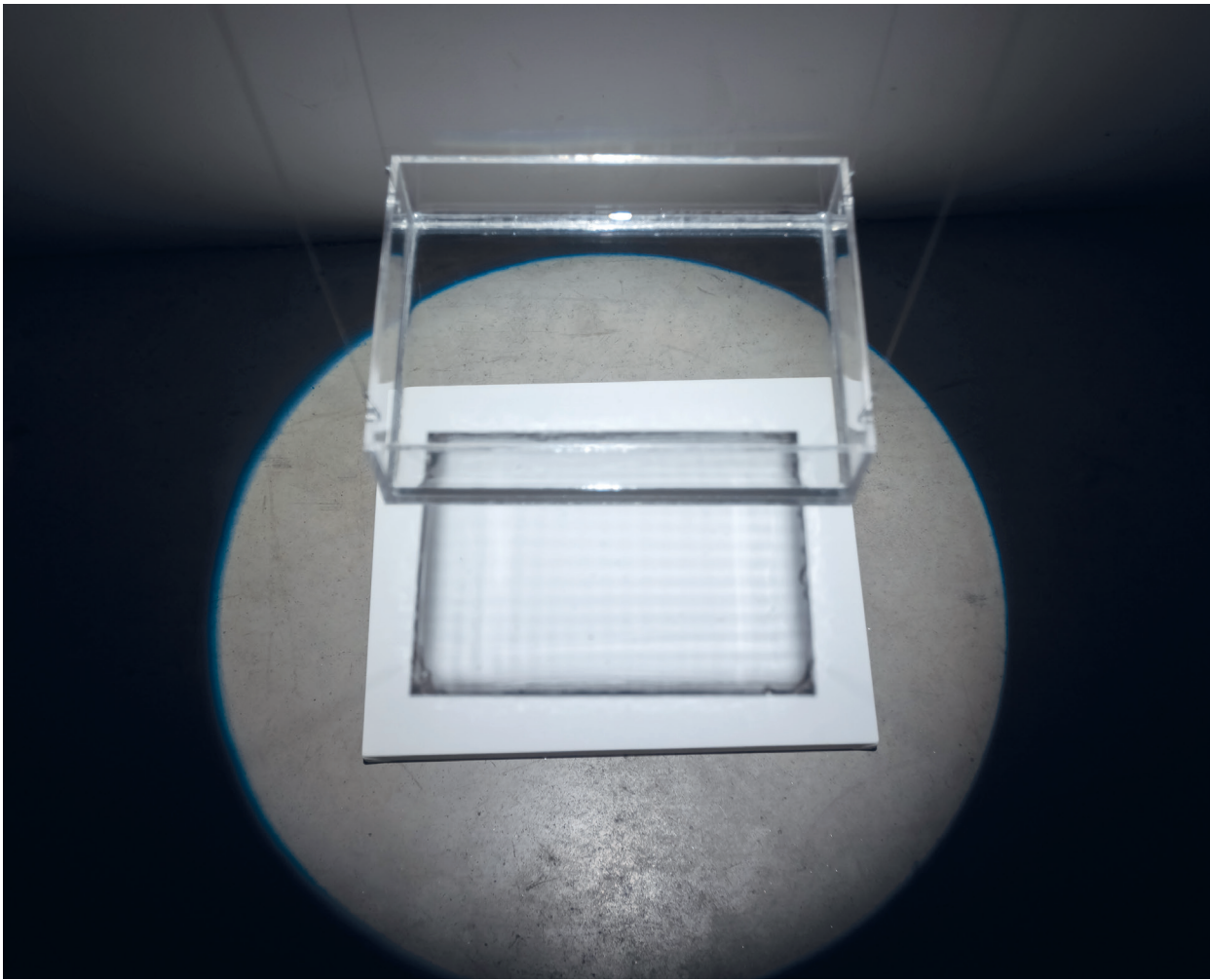
“Pintura imaterial”, de Cláudia Cibrão, é uma instalação que investiga a sombra própria e projetada. O título assume uma dicotomia entre aquilo que é palpável e incorpóreo. Se por um lado, o imaterial é geralmente associado a elementos abstratos e espirituais, que não são formados de matéria e, por isso, não se tocam, podendo ser danças, ofícios, celebrações, literatura ou linguagem, tudo aquilo que não é concreto como hábitos, formas de expressão e rituais, sombras ou reflexos, por outro lado, o material, possui outro tipo de propriedades. A pintura, por exemplo, pode ser considerada material. Enquanto suporte tangível, com superfície e tinta, tem textura, corpo, matiz, pigmento e densidade. Nos limites da prática artística, “Pintura imaterial” é uma proposta que vai ao cerne deste binómio e experimenta um jogo de sombras e reflexos que, nas palavras da artista, procura “abraçar o impasse entre uma visão tradicional de pintura e os desafios dos suportes digitais, compreendendo aí um esgotamento de fronteiras rígidas entre áreas artísticas”.

Immaterial painting

"Immaterial painting", by Cláudia Cibrão, is an installation that investigates her own shadow and projected shadow. The title assumes a dichotomy between the tangible and incorporeal. If, on the one hand, the immaterial is generally associated with abstract and spiritual elements, which are not formed of matter and therefore cannot be touched, and can be dances, crafts, celebrations,

literature or language, everything that is not concrete such as habits, forms of expression and rituals, shadows or reflections, on the other hand, the material has other types of properties. Painting, for example, can be considered to be material. As a tangible support, with a surface and paint, it has texture, body, colour, pigment and density. At the limits of artistic practice,

"Immaterial painting" is a proposal that goes to the heart of this binomial and experiments with a play of shadows and reflections that, in the artist's words, seeks to "embrace the impasse between a traditional view of painting and the challenges of digital media, comprising an exhaustion of rigid boundaries between artistic areas".



©Hugo Sousa / gnration

Cláudia Cibrão (b. Barcelos, 1993) has a Master's degree in Creative Industries Management from UCP and a BA degree in Fine Arts, Painting, from the Faculty of Fine Arts, University of Porto. She pursued an Erasmus scholarship at the Accademia di Belle Arti di Bologna. She took part in the performance Anamnesis II, by Monika Weiss, and received training from Esgar Acelerado, Jaime Soares and Vera Mantero. Highlights include the following solo and group exhibitions (selection): Acquisition Awards 2014/15, FBAUP Museum, Porto; Drawing Class, Corpo (a) Terra Festival; Vortex #2, Maus Hábitos, Porto; Orvalho, Silo, Porto; XIX, XX and XXII Cerveira International Art Biennial; 3rd Gaia International Art Biennial, among others.

Guache

Improvisação em duas vias



©Hugo Sousa / gnration



©Hugo Sousa / gnration

“Improvisação em duas vias” é um ambiente de improvisação com processamento de voz, dispositivos eletrônicos e percussivos e controle de microfonia. O duo de música experimental Guache compõe a partir de um território sonoro próprio, explorando interação com o acaso, melodias não temperadas, performatividade vocal não verbal, textura, ruído, drone e movimentação do som no espectro estereofônico. A vídeo-instalação que demarca o ambiente instalativo no CIAJG – projeção distorcida em dois planos de um trabalho de foto-investigação – e a paisagem sonora, em diálogo, buscam criar uma atmosfera imersiva. Um olhar sobre a interferência do tempo e do espaço nos eventos sonoros e visuais.

Two-way improvisation

"Two-way improvisation" is an improvisation environment with voice processing, electronic and percussive devices and microphone control. The experimental music duo Guache composes music based on their own sound territory, and explores

interaction with chance, non-tempered melodies, non-verbal vocal performativity, texture, noise, drone and movement of sound in the stereophonic spectrum. They create an immersive atmosphere through dialogue between the soundscape and the video

installation that demarcates the installation at the CIAJG - a distorted projection in two planes of a photo-research work. A look at the interference of time and space in sound and visual events.

Gil Fortes (n. 1974, Rio de Janeiro) e Luciana Melo (n. 1972, Rio de Janeiro) compõem o duo Guache, atualmente sediado em Braga. Desde 2018 têm cinco discos publicados e participação em três álbuns coletivos. Luciana Melo estudou bioquímica e educação artística. Gil Fortes estudou desenho industrial e colaborou como músico com Andreas Trobollowitsch, Chelpa Ferro, Chiara Banfi, Momo, Ricardo Dias Gomes, Søren Kjærgaard, entre outros, em variados projetos artísticos; Participaram nos festivais Multiplicidade, Novas Frequências, no Rio de Janeiro. Como "luthier", Gil Fortes criou e construiu instrumentos para Caetano Veloso, Mário Adnet e Pedro Luís entre outros músicos.

Gil Fortes (b. 1974, Rio de Janeiro) and Luciana Melo (b. 1972, Rio de Janeiro) make up the duo Guache, currently based in Braga. Since 2018 they have released five albums and participated in three collective albums. Luciana Melo studied biochemistry and art education. Gil Fortes studied industrial design and has worked as a musician with Andreas Trobollowitsch, Chelpa Ferro, Chiara Banfi, Momo, Ricardo Dias Gomes, Søren Kjærgaard, among others, in various artistic projects; they took part in the Multiplicidade and Novas Frequências festivals in Rio de Janeiro. As a "luthier", Gil Fortes has designed and built instruments for Caetano Veloso, Mário Adnet and Pedro Luís, among other musicians.

Lucas Carneiro e Manuel Costa

Hic Svnt Serpens



©Hugo Sousa / gnration

The serpent, which conveys a deep and complex symbolic charge, is represented in the most varied geographic regions and cultural manifestations, and has accompanied humanity from its most primitive forms. The Iberian peninsula is no exception. From the ancient Ophiussa to legends and folk tales, the Iberian peninsula has many mythological relationships with the serpent, manifested in different phenomena and chronologies. Evoking the serpent of the Castro de Troña hilltop fort and its legend, we propose an interaction with these spaces and narratives using a famous mobile phone

game. We thereby recognise the places of this mythography of the Iberian peninsula which, overlapping virtual and cartographic elements, moves from digital abstraction to concrete locations. The game is also a primitive digital remnant, a vestige of an electronic archaeology that represents both a fascinating technological advance and its equally fascinating vanishing process. The serpent, as a metaphorical image, mediates the dialogue between history and myth, stone and microchip, game and representation. The aim of this ensemble is to reflect on the concept of heritage and the continuous

A serpente, portadora de uma profunda e complexa carga simbólica, encontra-se representada nas mais variadas geografias e manifestações culturais, acompanhando a humanidade desde as suas formas mais primitivas. A Península Ibérica não é exceção. Desde a antiga Ophiussa às lendas e contos populares, espalham-se por este território múltiplas relações mitológicas com este animal, manifestadas por diferentes fenómenos e cronologias. Evocando a serpente do Castro de Troña e a sua lenda, propõe-se uma interação com estes espaços e narrativas a partir de um célebre jogo de telemóvel. Através dele, reconhecem-se os lugares desta mitografia peninsular que, sobrepondo o virtual e o cartográfico, passa da abstração digital à concreta localização. O jogo, constitui também um primitivo digital, vestígio de uma arqueologia eletrónica que representa simultaneamente um fascinante avanço tecnológico e o seu igualmente fascinante desaparecimento. Assim, a serpente, enquanto imagem metafórica, medeia o diálogo entre história e mito, pedra e chip, jogo e representação. Pretende-se, através deste conjunto, refletir sobre a noção de património e a contínua erosão tecnológica, desde o mapa, enquanto valioso instrumento de organização e controlo, aos dispositivos tecnológicos contemporâneos, ferramentas multifuncionais e ubíquas do quotidiano. “Hic Svnt Serpens” parte da adaptação da célebre expressão latina (*hic svnt dracones* - aqui há dragões), visível nas primeiras cartografias europeias indicando o início do desconhecido, incerto, mitológico e fantástico. Aqui, não se mostram dragões, mas antes as serpentes ibéricas imbuídas na mesma névoa misteriosa.



Lucas Carneiro (n. 1990, Braga) é arquiteto pela Escola de Arquitetura, Artes e Design da Universidade do Minho, Guimarães, e doutorando da mesma instituição, integrando a unidade de investigação multidisciplinar Lab2PT. É membro da iniciativa europeia Cost Action – Writing Urban Places. Colabora em investigações e publicações centradas nos temas da Paisagem e Urbanismo, Arquitetura, Arqueologia, Património e História da Arquitetura.

Manuel Costa (n. 1990, Braga) é graduado em Engenharia e Desenvolvimento de Jogos Digitais (EDJD) pelo IPCA. Artista multidisciplinar, com um percurso que cruza a tecnologia e a arte. Foi vencedor de duas edições consecutivas do 'IPCA Game Jam' (2016 e 2017) e convidado pelo IPCA para representar o curso EDJD durante o evento Electronic Music and Digital Art Exhibition (Braga - 2017). Colabora em projetos nas áreas de software inclusivo, game design, produção sonora e edição de vídeos.

Lucas Carneiro (b. 1990, Braga) is an architect from the School of Architecture, Arts and Design at the University of Minho, Guimarães, and a PhD candidate at the same institution, and a member of the multidisciplinary research unit, Lab2PT. He is a member of the European initiative Cost Action - Writing Urban Places. He works on research and publications centred on the themes of Landscape and Urbanism, Architecture, Archaeology, Heritage and the History of Architecture.

Manuel Costa (b. 1990, Braga) has a BA degree in Digital Games Engineering and Development (EDJD) from IPCA. He is a multidisciplinary artist with a career that combines technology and art. He won two consecutive editions of the 'IPCA Game Jam' (2016 and 2017) and was invited by IPCA to represent the EDJD course during the Electronic Music and Digital Art Exhibition (Braga - 2017). He collaborates on projects in the areas of inclusive software, game design, sound production and video editing.

A OFICINA

Direção
Management Board
Presidente > President
 Paulo Lopes Silva
 (Câmara Municipal de Guimarães)
Vice-Presidente > Vice-President
 António Augusto Duarte Xavier
Tesoureiro > Treasurer
 Maria Soledade da Silva Neves
Secretário > Secretary
 Jaime Marques
Vogal > Member
 José Manuel Martins Marques
 (Casa do Povo de Fermentões)

Conselho Fiscal
Statutory Audit Committee
Presidente > President
 José Fernandes
 (Câmara Municipal de Guimarães)
Vogal > Member
 Maria Mafalda da Costa de Castro Ferreira Cabral
 (Talpas Turitermas, CIPRL)
Vogal > Member
 Djalmé Alves Silva

Mesa da Assembleia Geral
General Meeting's Board
Presidente > President
 Lino Moreira da Silva
 (Câmara Municipal de Guimarães)
Vice-Presidente > Vice-President
 Manuel Ferreira
Secretário > Secretary
 Filipa João Oliveira Pereira
 (CAR - Círculo de Arte e Recreio)

Direção Executiva
Executive Direction
 Hugo Tavares de Freitas
Assistente de Direção
Assistant Director
 Anabela Portilha
Direção Artística CCVF e Artes Performativas > CCVF and Performing Arts Artistic Direction
 Rui Torrinha
Direção Artística CDMG e Artes Tradicionais > CDMG and Traditional Arts Artistic Direction
 Catarina Pereira
 Inês Oliveira, Teresa Machado
 (Gestão do Património > Heritage Management)
Direção Artística CIAJG e Artes Visuais > CIAJG and Visual Arts Artistic Direction
 Marta Mestre
Direção Artística Teatro Oficina > Teatro Oficina Artistic Direction
 Mickaël de Oliveira
 (Direção Artística Convidada 2023-2024 > Guest Artistic Director 2023-2024)
Programação Guimarães Jazz e Curadoria Palácio Vila Flor > Guimarães Jazz Programming and Palácio Vila Flor Curator
 Ivo Martins
Assistente de Direção Artística > Artistic Director Assistant
 Cláudia Fontes
Educação e Mediação Cultural > Education and Cultural Service
 Francisco Neves (Direção > Director), Ana Catarina Aídos, João Lopes, Marisa Moreira, Marta Silva
Produção > Production
 Susana Pinheiro (Direção > Director), Ana Sousa, Andreia Abreu, Andreia Novais, Hugo Dias, Nuno Ribeiro, Rui Rodrigues, Rui Salazar, Sofia Leite
Técnica > Technical Staff
 Carlos Ribeiro (Direção > Director), Ana Sousa, Andreia Abreu, Andreia Novais, Hugo Dias, Nuno Ribeiro, Rui Rodrigues, Rui Salazar, Sofia Leite
Equipa de Montagens > Assembly Team
 Miguel Marques, Luís Rocha e Nuno Ribeiro
Eletricista > Electrician
 Torcato Ribeiro
Infografia e Design Gráfico > Infographics and Graphic Design
 Susana Sousa
Tradução > Translation
 Martin Dale

JORNAL EXPOSIÇÃO EXHIBITION JOURNAL

FICHA TÉCNICA > TECHNICAL CREDITS
Uma edição de
An edition by
 A Oficina CIPRL
 Centro Internacional das Artes José de Guimarães > José de Guimarães International Arts Centre
Conceção Editorial >Editorial Concept
 Marta Mestre
Textos > Texts
 Marta Mestre
Produção > Production
 Ana Sousa
Design Editorial >Editorial Design
 Susana Sousa
Tradução >Translation
 Martin Dale

EXPOSIÇÕES EXHIBITIONS

Direção Artística > Artistic Director
 Marta Mestre
Curadorias > Curators
 Marta Mestre
Produção > Production
 Susana Pinheiro (Direção > Director)
 Ana Sousa
Gestão de Património > Heritage Management
 Inês Oliveira
Instalações > Facilities
 Luís Antero (Direção > Director)
 Joaquim Mendes, Rui Gonçalves (Assistentes > Assistance)
 José Machado (Manutenção e Logística > Maintenance and Logistics)
 Maria de Fátima Faria, Josefa Gonçalves, Carla Matos, Sónia Alves (Manutenção e Limpeza > Maintenance and Cleaning)
Técnica > Technical Staff
 Carlos Ribeiro (Direção > Director)
 Sérgio Sá (Audiovisuais > Audiovisual)
 Diogo Teixeira, Ricardo Santos (Luz > Lighting)
 João Oliveira, João Diogo (Som > Sound)
Equipa de Montagens > Assembly Team
 Miguel Marques, Luís Rocha e Nuno Ribeiro
Eletricista > Electrician
 Torcato Ribeiro
Infografia e Design Gráfico > Infographics and Graphic Design
 Susana Sousa
Tradução > Translation
 Martin Dale
Educação e Mediação Cultural > Education and Cultural Service
 Francisco Neves (Direção > Director)
 João Lopes, Marta Silva (equipa EMC)
 Diana Geirotto, José Silva, Luísa Abreu, Patrícia Gerales, Teresa Arêde (monitores)

Agradecimentos Dayana Lucas > Thanks
 Mário Silva, Cláudia Carrasqueira, Carolina Garto e Maria Carvalho (Arte da Terra), Sérgio Couto, À ArtWorks: José Miguel Pinto, Francisca Barros, Alexandre Mota, Valentin Neves, Carlos Arteiro, Ana Maria Trabulo, Bruno Lança, Bernardo Bordalo e Álvaro Oliveira.

Agradecimentos Cláudia Cibrão > Thanks
 Ricardo Ferreira, Paulo Carvalho (Mestre Publicidade), Lílilana Carvalho (Mercado das Flores, Braga), Joel Gandra, Maria Melancolia, Mariana Volz, Carolina Lapa, Joana Fernandes, Bruno Torres, Ricardo Miranda, Márcio Ferreira e família.

Agradecimentos CIAJG > Thanks
 Atelier José de Guimarães,
 A todos os artistas, colecionadores e instituições > To all artists, collectors and institutions

>

CENTRO INTERNACIONAL DAS ARTES

JOSÉ DE GUIMARÃES (CIAJG)

Horário de funcionamento

terça a sexta
10h00 - 17h00
(últimas entradas às 16h30)

sábado e domingo
11h00 - 18h00
(últimas entradas às 17h30)

Tarifário

4 eur / 3 eur c/d
Preços com desconto (c/d)
Cartão Jovem, Menores de 30 anos,
Estudantes, Cartão Municipal de Idoso,
Reformados, Maiores de 65 anos,
Cartão Municipal das Pessoas
com Deficiência, Deficientes e
Acompanhante, Cartão Quadrilátero
Cultural desconto 50%

Entrada Gratuita
crianças até 12 anos,
domingos de manhã (11h00 às 14h00)

>

JOSÉ DE GUIMARÃES INTERNATIONAL

ARTS CENTRE (CIAJG)

Opening hours

tuesday to friday
10.00am-5.00pm (last visits 4.30pm)

saturday and sunday
11.00am-6.00pm (last visits 5.30pm)

Tariffs

4 eur / 3 eur*
*Holders of the Cartão Jovem, Under
30 years, Students, Holders of the
Cartão Municipal de Idoso, Reformados
(Senior and Pensioner’s Card), Over
65 years, Handicapped patrons and
the person accompanying them, Cartão
Quadrilátero Cultural 50% discount

Free Entrance
children until 12 years old,
sunday morning (11.00 am to 2.00 pm)

>

Av. Conde Margaride, 175
4810-535 Guimarães
Tel. (+351) 253 424 715
geral@ciajg.pt

www.ciajg.pt

Organização > Organization Financiamento > Funded by Apoio > Support



Coprodução > Co-production Parceria > Partnership

"Cifra" "Laboratórios de Verão 2023"

